

Diversidade no espaço lusófono virtual - Algumas pistas para reflexão.

Diversity in virtual space speaking - Some thoughts for reflection

Lurdes Macedo*

Resumo

A retórica da lusofonia tem persistido, não raras vezes, numa espécie de nostalgia do império, subvalorizando a diversidade cultural que cinco séculos de «aventuras» associaram à língua portuguesa.

Num tempo marcado pela globalização, no qual se configura um novo paradigma comunicacional baseado na convergência e na ampla utilização de infotecnologias – a sociedade em rede – afigura-se pertinente perceber como se constrói o lugar da lusofonia no ciberespaço, como se estabelecem as redes virtuais de comunicação entre cidadãos que pensam e falam em português e, sobretudo, se este novo lugar da língua portuguesa oferece oportunidades à reconfiguração de um espaço lusófono mais englobante e mais plural.

Abstract

The lusophony rhetoric has persisted, for long time, in a kind of imperial nostalgia, underestimating the cultural diversity brought by five centuries of «adventures» associated to the Portuguese language.

In a era of globalization, a new communication paradigm emerges - the web society – it seems important to understand how lusophone position is constructed at the cyberspace, how virtual communication networks are established among citizens that think and speak in Portuguese and, mainly, if this new Portuguese language place offers new opportunities to a more plural lusophone space reconfiguration.

Palavras-chave: Espaço lusófono, sociedade em rede, ciberespaço, diversidade

Keywords: lusophone space; web society; cyberspace; diversity.

1. Dimensões do espaço lusófono

Há alguns anos atrás, um reconhecido especialista em Relações Internacionais dizia, em entrevista a uma estação televisiva, que os países do espaço lusófono não têm sabido gerir um dos seus mais valiosos recursos em matéria de política externa: a língua em comum.

De facto, na História do Portugal democrático - que é, simultaneamente a História de um espaço lusófono pós-colonial, estilhaçado e reconfigurado num conjunto de nações independentes e geograficamente distantes entre si – a questão da relação entre comunidades de língua portuguesa tem sido tratada de forma episódica e circunstancial em detrimento de uma estratégia continuada de aproximação capaz de formar e de consolidar a consciência colectiva de uma comunidade lusófona. Exemplos disso foram os vários episódios de regulação reactiva, por parte do governo português, dos fenómenos de imigração provenientes do Brasil e dos PALOP, os esforços diplomáticos e o movimento civil que conduziram à independência de Timor, ou a constituição de uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) pouco interventiva e mais orientada para questões políticas do que para os interesses das sociedades civis representadas pelos Estados membros.

Daí que o conceito «espaço lusófono» se constitua como «*uma construção extraordinariamente difícil*» (Sousa, 2006: 9). Do que falamos quando nos referimos a este espaço? Assumimos uma *dimensão geográfica* que reúne os oito países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP)? Consideramos uma *dimensão política* (www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Geral/Lusofonia) que alarga este conceito às comunidades de língua portuguesa no mundo? Referimo-nos a uma *dimensão histórico-cultural* relacionada com o legado português em vários pontos do globo durante a expansão marítima e o império colonial? Mesmo sem investir numa reflexão aprofundada, é possível encontrar em cada uma destas dimensões «*um espaço de refúgio imaginário*» e de «*nostalgia imperial*» (Martins, 2006: 80), traduzindo assim o espaço lusófono «*uma maneira cómoda*» (Enders, 1997: 7) de designar os países resultantes da colonização.

É certo que nos últimos tempos, temos assistido aos mais diversos esforços políticos no sentido de consolidar a lusofonia e o espaço lusófono. A Cimeira da CPLP no Verão de 2008, o reforço do financiamento ao Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) aí acordado, os Jogos da Lusofonia do Verão de 2009 e, sobretudo, o Acordo Ortográfico são bons exemplos da dimensão e do alcance que estes esforços começam a assumir.

Ao mesmo tempo, a lusofonia tem também ocupado toda uma vasta comunidade de intelectuais e de académicos, cujos contributos têm trazido à luz numerosas pistas sobre a complexa construção da identidade lusófona.

Todavia, num tempo pós-colonial, marcado pela globalização e pela utilização das infotecnologias, parece não só pertinente, como também urgente, reflectir sobre uma temática à qual não tem sido prestada a necessária atenção: as novas dimensões que o «espaço lusófono» poderá acolher.

2. Uma dimensão virtual para o Espaço Lusófono?

Conforme nos recorda Webster (1999: 6-19), todos assistimos, nos últimos anos, à acentuada redução dos preços do material electrónico e informático, ao mesmo tempo que nos íamos rendendo às suas indiscutíveis capacidades de processamento, armazenamento e transmissão de informação. Paralelamente, a convergência de redes informáticas e de telecomunicações permitiu o desenvolvimento de meios de gestão da informação e a sua distribuição extensiva, bem como a possibilidade de estabelecer ligação, em tempo real, entre espaços físicos longínquos.

Assim, a comunicação entre falantes de língua portuguesa, residentes nos mais diversos pontos do planeta, ficou facilitada não só pelo factor identitário que a língua em comum por si só constitui, como também pelo factor tecnológico que determina um novo paradigma comunicacional: a «sociedade em rede».

O rápido aparecimento de milhares de sites, de weblogs e de fóruns na internet em língua portuguesa, nos quais pessoas de várias proveniências se encontram ou reencontram, partilhando informação, experiências, ideias e memórias deverá, assim, configurar uma *dimensão virtual* do espaço lusófono. O modo como procedemos à integração desta nova realidade fomenta a consciência colectiva de uma comunidade lusófona? O que é que esta dimensão virtual acrescenta à experiência da lusofonia?

No presente momento, não reunimos condições para responder de forma segura e fundamentada a este conjunto de questões, uma vez que é ainda claramente insuficiente o número de estudos dedicados às consequências produzidas pelo aparecimento da internet e pelo *modus operandi* da «sociedade em rede» na reconfiguração do espaço lusófono.

No entendimento de Lévy (2003: 23-24), a propagação do ciberespaço à escala planetária criou, no nosso tempo, condições favoráveis à liberdade criativa. Este é um fenómeno que se deve às múltiplas vantagens que a Internet apresenta enquanto sistema de comunicação: baixo custo, interacção em tempo real e, sobretudo, liberdade de expressão. O ciberespaço é, por isso, considerado por este autor como um lugar de emancipação, uma nova *agora* para a deliberação política, um terreno propício para o desenvolvimento de uma inteligência colectiva capaz de englobar a diversidade, um território configurador do espaço público necessário à intervenção de uma sociedade civil com consciência global.

3. Diversidade cosmopolítica na dimensão virtual do Espaço Lusófono

Admitindo esta visão optimista sobre o potencial contido na «sociedade em rede», poderemos perspectivar uma *dimensão cosmopolítica* (Beck, 2006: 341-342) para o espaço lusófono que englobe e preserve a diversidade de práticas culturais presentes nos lugares onde se fala o português, garantindo a tolerância e o respeito pelas diferenças?

O mundo da óptica cosmopolítica é interpretado como uma realidade transparente, no qual as diferenças, as oposições e as fronteiras devem ser olhadas segundo o princípio de que os outros são, na sua essência, idênticos a nós. Sob esta óptica, as fronteiras estabelecidas deixam de estar fechadas ou obscurecidas pela perspectiva de uma alteridade ontológica. Deste modo, poder-se-á entender a óptica cosmopolítica como uma abordagem que privilegia uma maior sensibilidade sobre as condições do mundo actual, e por isso apta a compreender as ambivalências que nos são colocadas pelas distinções e contradições culturais.

Beck (2006: 21-25) reconhece que a óptica cosmopolítica não constitui uma proposta inteiramente nova, uma vez que outros autores já a haviam abordado. Alexis de Tocqueville, na sua reflexão sobre a América democrática, já havia constatado a possibilidade de pessoas com diferentes proveniências poderem pensar e sentir da mesma forma ou, por outras palavras, de um homem poder perceber as sensações vividas por «outro». Também autores tão diversos como Adam Smith, John Dewey, Kant, Goethe, Humboldt, Marx ou Simmel, são referidos por Beck como percursores do ideal cosmopolítico, já que todos conceberam a Modernidade como um tempo de transformação dos sistemas sociais: da comunidade fechada sobre si mesma passar-se-ia a uma lógica de sociedades interdependentes, capazes de se organizar segundo os princípios do Estado. Esta abertura universal era já vista por esses autores como possível e desejável.

Todavia, a perspectiva clássica das ciências sociais criou um quadro interpretativo da realidade baseado na diferenciação da Humanidade em categorias como a religião, a etnia, a classe ou a nação. No entendimento de Beck (2006: 17-18), este tipo de distinção constitui-se como empiricamente falso e inadequado ao mundo em que vivemos, uma vez que a compreensão do «outro» deixou de se submeter ao esquema dicotómico amigo / inimigo. A título de exemplo, o autor refere os protestos observados, à escala mundial, contra a guerra no Iraque e contra o sofrimento do povo iraquiano. Fruto daquilo a que o autor chama a «*globalização da emoções*», o nosso tempo passou a pautar-se por uma «*empatia cosmopolítica*».

É desta forma que a óptica cosmopolítica, proposta por Beck, pretende constituir-se como um olhar «*livre de todo e qualquer tipo de juízo de valor*» (2006: 49).

De facto, as possibilidades de comunicação que hoje nos são colocadas pela sociedade em rede estilhaçam muitas das fronteiras que, até há bem pouco tempo, se colocavam no «espaço lusófono». Num mundo global e digital, os cidadãos que pensam, falam e comunicam em português podem, efectivamente, encontrar-se no espaço virtual ultrapassando as distâncias geográficas e as diferenças culturais.

Porém, o espaço lusófono virtual, bem como as oportunidades que este oferece à construção de uma lusofonia mais abrangente, plural e integradora parecem merecer ainda pouca atenção por parte dos decisores políticos, assim como por parte da comunidade científica.

Será, assim, importante ensaiar as possibilidades contidas em cada uma das dimensões presentes no conceito de «espaço lusófono»: geográfica, política, his-

tórico-cultural, económica, virtual e cosmopolítica, entre outras que poder-se-ão afirmar no futuro. Igualmente importante será identificar os possíveis contributos do espaço lusófono virtual para a aproximação entre falantes de língua portuguesa, para o estabelecimento de redes de sociabilidade entre as comunidades lusófonas espalhadas pelo mundo, bem como para a (re)construção das identidades culturais no espaço da lusofonia.

4. O passado, o presente e o futuro do espaço lusófono

Costa & Lacerda (2007: 35) dizem-nos que «(...) os Descobrimentos portugueses fazem parte da génese do longo processo de mundialização que fez espoletar a ideia contemporânea de que o Globo não é mais do que uma pequena aldeia (...)». É interessante observar que, adoptando esta ideia de pioneirismo português no processo de globalização, poder-se-ão comparar, à sua época, os efeitos das tecnologias de navegação portuguesas dos séculos XV e XVI, aqueles que hoje observamos decorrentes da utilização das comunicações por satélite e da internet (Costa & Lacerda, 2007: 29).

Esta visão histórica, profundamente marcada pelo imaginário da epopeia marítima portuguesa e do império colonial, no entendimento de Martelo (1998: 12), «*atravessou a alma portuguesa durante mais de cinco séculos*», remetendo para questões de natureza ideológica, sobretudo se considerarmos o império colonial enquanto mitologia do Estado Novo e enquanto nostalgia de um certo Portugal moderno.

No seu weblog *SEM MUROS*, Miguel Portas defende, em artigo publicado a 23 de Janeiro de 2008, que o luso-tropicalismo¹ sobreviveu à descolonização e ao fim do império, alimentando-se de uma suposta «*relação privilegiada*» com as ex-colónias e transfigurando-se numa «*retórica da lusofonia*» (www.miguelportas.net/blog). A complexa tarefa de construção de uma identidade lusófona na actualidade, parece padecer da resolução deste «*equivoco lusocêntrico*» (Martins, 2006: 79) que, desde os Descobrimentos, assume Portugal como protagonista da lusofonia, subalternizando a diversidade cultural que este conceito possa conter.

Todavia, para identificar e entender as oportunidades que se colocam à reconfiguração do espaço lusófono na contemporaneidade não bastará atender ao «*equivoco lusocêntrico*» enquanto elemento intrínseco à questão da lusofonia; será necessário perceber também que o *modus vivendi* das comunidades que pensam, falam e comunicam em português se tem transformado de forma acelerada por via da utilização das ferramentas que a tecnociência hoje nos disponibiliza. Ninguém parece duvidar de que a nova ordem imposta pela ampla utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) tem vindo a determinar o aparecimento de

¹ Ideia ensaiada pelo brasileiro Gilberto Freyre (1900 – 1987), a qual defende que o sucesso do empreendimento português em terras tropicais se ficou a dever ao modo integrador de relacionamento entre colonizador e colonizado. Esta foi uma ideia utilizada pelo Estado Novo para legitimar a continuação da presença portuguesa em África, mesmo após a independência da grande maioria das nações africanas.

novos modos de expressão cultural, bem diferentes daqueles que conhecemos num passado ainda recente. A este respeito, Webster (1999: 6-26) observa que em nenhum outro tempo da História circulou uma tão elevada quantidade de informação como no presente. Este é um fenómeno que ficou a dever-se à diversificação dos *media* e à utilização das novas tecnologias, que tornaram acessível, a uma grande parte dos cidadãos, todo o tipo de informação².

Castells propõem, para a compreensão desta nova realidade, o conceito de «*Galáxia Internet*»³ que se traduz num dispositivo de «*comunicação de muitos para muitos em tempo escolhido e a uma escala global*» (2004: 16). Deste modo a «*sociedade em rede*» configura-se como o novo paradigma comunicacional para o século XXI, o qual deve ser tomado em conta quando se pensa nas oportunidades de reconfiguração desse espaço vago e difuso que é a lusofonia.

Interessará, assim, perceber em que medida os recursos disponibilizados por esta rede à escala global, que é a internet, contribuem para a construção social de uma identidade lusófona.

5. O caso do Riodades (riodades.no.sapo.pt)

O primeiro (e ainda muito modesto) passo, no sentido de se identificarem pistas para responder a estas questões, foi a realização de um estudo de caso, com carácter exploratório, que permitisse perceber os processos de constituição de comunidades lusófonas virtuais no ciberespaço. O Riodades foi seleccionado como objecto do primeiro estudo por se demonstrar uma experiência preditiva a este nível. Do ponto de vista metodológico, procedeu-se a uma análise ao conteúdo do site, à realização de duas entrevistas (ao seu *webmaster* e a um dos seus colaboradores) e à interpretação de dados estatísticos relativos às visitas a este sítio da internet.

O riodades.no.sapo.pt foi lançado em 1998 por iniciativa de um grupo de jovens da freguesia de Riodades, concelho de S. João da Pesqueira, como reacção à enorme dificuldade que na altura sentiram em manter a edição e a publicação do jornal local: o Riodades XXI. Como acontece com grande parte das aldeias portuguesas, também Riodades possui uma vasta diáspora que, na época, recorria à assinatura deste jornal para se manter informada sobre o que acontecia na aldeia. A necessidade de divulgar a crescente dinâmica desportiva e cultural, que na altura se fazia sentir na freguesia, também não permitia que se acabasse definitivamente com o Riodades XXI. Então, a solução encontrada foi transformá-lo num jornal electrónico.

A partir desta primeira experiência no ciberespaço, surgiu a ideia de se criar um site oficial de Riodades – com a morada riodades.no.sapo.pt – que acabou por incor-

² Esta observação inscreve-se na definição cultural, proposta pelo autor, para a compreensão da «*sociedade da informação*».

³ Castells inspirou-se assumidamente no conceito de «*Galáxia Gutenberg*» proposto por McLuhan para definir o efeito da difusão da imprensa no Ocidente. A «*Galáxia Internet*» assemelha-se a esta, mas num tempo em que à imprensa sucede a *World Wide Web*.

porar a função informativa do Riodades XXI. Designado o *webmaster* - um jovem riodadense residente na Suíça que mantém essa responsabilidade até aos dias de hoje - e designados os seus mais directos colaboradores, que lhe enviariam conteúdos e fotografias por e-mail ou via MSN, o site foi concebido com o objectivo de aproximar os riodadenses da sua terra natal, dos seus familiares e dos seus amigos. A construção deste novo sítio da internet ficou a cargo do *webmaster*, enquanto que os colaboradores se encarregavam de pesquisar e recolher informações que pudessem configurar conteúdos para o Riodades.

Inicialmente, este site apresentava uma página de acolhimento com links para a Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Riodades, para a Escola de Música, para o clube local de futebol e para o Riodades XXI.

Embora o acesso à *World Wide Web* fosse menos democratizado nessa época, já alguns naturais da aldeia a utilizavam regularmente, reconhecendo-lhe potencial enquanto ferramenta de comunicação. O nível inicial de participação no site foi assim - nas palavras do seu *webmaster* - «*muito tímido*», mas muito encorajante. Os riodadenses manifestavam-se orgulhosos por ver a sua aldeia na internet e os visitantes do Riodades deixavam comentários muito simpáticos e motivadores.

A evolução do site ao longo dos seus onze anos de existência apresentou-se um pouco irregular: enquanto que ao nível dos conteúdos se tem mantido no mesmo registo - a festa do mês de Agosto, duas ou três notícias pontuais merecedoras de destaque e a História de Riodades - a nível gráfico tem registado melhorias significativas. O *webmaster* justifica estes diferentes ritmos de evolução de forma verosímil: pelo lado dos conteúdos, o facto de viver na Suíça não lhe permite acompanhar o quotidiano da aldeia ao mesmo tempo que os colaboradores, dantes habituais, revelam cada vez menos disponibilidade e menos motivação para se dedicarem a este projecto; pelo lado da concepção gráfica, o facto de se ter tornado mais experiente na utilização das TIC permite-lhe ensaiar novas soluções mais atractivas e amigáveis.

Embora não possua registos do número de visitas nos primeiros anos de existência do site, o *webmaster* tem a percepção de que este tem vindo a aumentar ao longo dos anos, fruto não só da democratização da internet, mas também do crescente interesse que o Riodades foi despertando nos internautas. Uma outra razão poderá ainda contribuir para este aumento do número de visitas: a segunda geração da diáspora, nomeadamente a que se encontra dispersa no país e na Europa, cresceu de forma info-incluída e hoje acede ao Riodades regularmente, trazendo consigo os pais para este espaço virtual.

Os registos mais recentes obtidos através do Google Analytics, referentes ao período compreendido entre 1 de Setembro de 2008 e 15 de Março de 2009, permitem verificar que o site recebeu, durante este semestre, 2690 visitas de 1294 visitantes. Estas foram realizadas, por ordem decrescente de representatividade, a partir de Portugal, França, Suíça, Espanha, Brasil e Holanda, havendo ainda registo de algumas visitas a partir dos Estados Unidos, da Alemanha, da Polónia e do Japão. O tempo médio por visita (1ª página) rondou 1 minuto e 44 segundos, sendo os brasileiros aque-

les que registam visitas mais demoradas, com uma média de 2 minutos e 6 segundos.

A partir destes dados, e tendo em conta as necessárias correcções referentes aos menores acessos nos primeiros anos de existência do Riodades, o *webmaster* calcula que o site tenha tido, desde o seu lançamento, cerca de 20 000 visitas.

Relativamente aos efeitos produzidos por este sítio da internet, poder-se-ão descrever a aproximação entre pessoas com origens nesta aldeia espalhadas pelo mundo, o reencontro e reforço de amizades esbatidas pelo tempo e pela distância e o contacto entre familiares que não se conheciam (nomeadamente entre portugueses e brasileiros luso-descendentes), o que resultou no aparecimento de uma comunidade virtual lusófona que se estendeu a outros dispositivos da internet como o Messenger, o Skype ou o Hi5. Hoje, já não é necessário esperar pelo mês de Agosto para reencontrar a família e os amigos e para pôr a conversa em dia sobre os acontecimentos de um ano sem ir à aldeia. Hoje, já são poucos os que desconhecem o que terá acontecido ao ramo da sua família que, um dia, emigrou para o Brasil. O Riodades parece ser, desta forma, tal como se apresenta: *«o site que nos faz sentir mais perto da nossa terra e do nosso povo»*.

6. Conclusões

Este estudo exploratório permite apontar para a emergência da dimensão virtual do espaço lusófono, uma vez que nos fornece pistas sobre uma das possíveis formas de estabelecimento de redes de comunicação entre cidadãos que pensam, sentem e falam em português. A procura do encurtamento do binómio espaço/tempo nas relações entre os elementos da diáspora de uma pequena freguesia pode ser o ponto de partida para a aventura de constituição de uma comunidade virtual, que em comum tem as origens e a língua. Trata-se de uma comunidade que se foi democratizando com a entrada de pessoas de todas as idades, de todos os níveis sócio-culturais e dos mais diversos pontos do globo. E porque a História se reflecte nas histórias de vida dos cidadãos, esta comunidade virtual constitui-se como lusófona, mais do que como portuguesa.

O contributo deste estudo poderá ser compreendido à luz de questões ainda mais amplas: como se constrói o lugar da lusofonia no ciberespaço? Este novo lugar da língua portuguesa oferece oportunidades à reconfiguração de um espaço lusófono mais englobante e mais plural? O modo como procedemos à integração desta nova realidade fomenta a consciência colectiva de uma comunidade lusófona? O que é que esta dimensão virtual acrescenta à experiência da lusofonia? Estas são questões que só poderão ser respondidas com o avanço da investigação neste domínio, que se espera que venha a ser mobilizador e profícuo.

Referências bibliográficas

- Beck, U. (2006) *Qu'est-ce le cosmopolitisme?*, Paris: Éditions Aubier.
- Castells, M. (2004) *A Galáxia Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, J. P. O. & Lacerda, T. (2007) *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa: Séculos XV – XVIII*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).
- Enders, A. (1997) *História da África Lusófona*, Mem Martins: Editorial Inquérito.
- Lévy, P. (S/D) *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era Informática*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévy, P. (2003) *Ciberdemocracia*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Martelo, D. (1998) *As Mágoas do Império*, Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Martins, M. L. (2006) 'A Lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico' in Martins, M. L.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia – Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Media*, Porto: Campo das Letras, pp.79-87.
- Sousa, H. (2006) 'Comunicação e Lusofonia: do lugar acrítico ao lugar da procura' in Martins, M. L.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia – Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Media*, Porto: Campo das Letras, pp.9-14.
- Webster, F. (1999) *Theories of Information Society* (4.^a ed.), London: Routledge.